



O NOVO LIVRO  
DE FIALHO D'ALMEIDA



Fialho d'Almeida, o estylista brilhante, que n'esta folha collabora com o pseudonymo *Irkan*, acaba de publicar um volume de artigos soltos, notas dispersas em jornaes, esboços trapados sobre casos da vida e sobre aspectos de raias.

As *Pasquinadas* são uma collecção de artigos em que se reconhece o pulso do escriptor pujante que é Fialho d'Almeida.

Bem andou o auctor em dar ao livro o sub-titulo *Jornal de um vagabundo*. E' n'elle que se substancia a feição do livro, sem ligação da materia, mas íntima e indissolvelmente connexo na maneira. Porque, acima de tudo, Fialho d'Almeida tem uma maneira sua, e tão sua, de escrever, que uma legião enorme de incipientes, por um poder e uma fatalidade de assimilação irresistíveis, entrou a seguir-lhe os processos e a tomar por norma os seus pontos de vista, por uma forma tão caracterisadamente definida, que a espirito algum pode deixar duvida a proeminencia da individualidade do novo mestre.

Quem escreve estas linhas conta-se entre os que mais admiram o talento do auctor das *Pasquinadas*, se bem que, affeito a não idolatrar, reconheça defeitos a par de qualidades, e erros ao lado de proveitosas lições.

Os esboços que formam na mór parte este livro, não sendo inéditos, apresentam comtudo o mesmo vigor e o mesmo brilho do dia de sua primeira publicação. E' que o escriptor quando tem dentro do seu cerebro alguma coisa mais do que palavras e, na sua phantasia, vai além de imagens esbatidas fracamente; quando tem uma individualidade artistica; quando é elle e não outro, nos seus processos—tanto de hontem, como de hoje e de amanhã.

Não cabe no ambito estreito d'este artigo simplesmente seguir o livro de Fialho d'Almeida e demonstrar quanto é sincero o que aqui se exara. Nem ao

público aproveitaria, porque o nome do auctor dos *Gatos* é demasiado conhecido, e o chronista scintillante que mais e mais se tem definido, por entre o marasmo de espiritos futeis que por ahí pollulam, e graças ao pedantismo, medram, não carece de elogios, nem tão pouco de alguma coisa lhe prestam.

O novo volume de Fialho d'Almeida era uma necessidade, que continua a subsistir para tudo quanto elle escrever. Impõe-se-lhe o dever imperiosissimo de reunir em volumes todos os seus artigos, porque os jornaes pelos quaes os vae espalhando perdem-se e esquecem-se, ao passo que o livro permanece em-tora fechado n'uma estante, mas destinado, mais tarde ou mais cedo, a servir de elemento á reconstituição da sua obra.

Felicitando Fialho d'Almeida por este volume, deixamos cumprido um dever tanto mais impreterível quanto é certo que o seu não cumprimento seria imperdoavel.

EUPHON.



## As obras de Soares dos Reis



ATINENCIA DO ARTISTA.

No dia 12 do corrente realisa-se em Villa Nova de Gaya o leilão das obras de Soares dos Reis, o nosso grande estatuário, o artista cuja memoria jámais se apagará.

É occasião para nos felicitar-mos todos por vêr, pela primeira vez, um ministro interessar-se pelas coisas d'arte. Verdade é que esse ministro, Antonio Candido, é antes de ministro um artista. O exemplo aberto por Antonio Candido, mandando ao leilão um commisionado do governo para adquirir as obras do eminente escultor, impõe-se ao agradecimento de todos e deve ser seguido pelos que, mais tarde, tenham a generancia das bellas artes.



## BOAS ENTRADAS

A' leitora e suas filhas,  
Seu marido e demais grei,  
Venho—um *prince*, de presilhas—  
Dar a todos, em quintilhas,  
O que a tempo lhes não dei.

Venho dar o que usa a gente  
Dar a gregos e troyannos:  
*Boas festas*, finalmente,  
—Como se diz vulgarmente  
—Salvo seja!—*entradas d'annos*.

Que em tua casa, leitora,  
Não falte quanto consola,  
E a ventura encantadora  
Se estenda, de ti, senhora,  
Ao papagaio d'Angola.

Do matrimonio em constancia  
Tu vivas n'um paraizo,  
E tenhas sempre abundancia  
De carne, arroz de sustancia,  
—E tudo mais que é preciso...

Que o marido, ou Castro ou Soisa,  
Seja modelo em maridos;  
E á noite, enquanto repouisa,  
Se sonhar com qualquer coisa,  
Não te chegue ella aos ouvidos.

Que gozem rijas saudes  
As tuas filhas galantes;  
E que Deus, das altitudes,  
Nunca lhes negue virtudes  
—Nem sargentos aspirantes.

Que tomem lições austeras  
Os teus filhos—se é que os tens—  
Nunca dando a *camareras*  
Nem libras, nem prendas meras  
Do bazar dos tres vintens...

Que o criado ao teu serviço  
Nas compras não faça moessa;  
—E em summa, se fizer isso,  
Quer no leite ou no chouriço,  
Roube o menos que ser possa...

Que a criada, se é gentil,  
Co'o patrão não tenha *aquella*...  
E fuja ao costume vil  
De dar ao guarda civil  
Todo o succo da panella...

Que o gato, se enjaneirado  
Fôr ás gatas façanhudo,  
Nunca, ao descer do telhado,  
Dê de cara, atomatado,  
Co' hespanhol do cão felpudo...

Todo o anno, enfim, se vença  
Sem desgostos, sem desmaios,  
E que o *loiro*—com licença...—  
Nunca tenha a tal doença  
Que é vulgar em papagaios...

PAN-TARANTULA.

# À abertura das côrtes no dia 2

(Para ser cantado por um pae da patria provinciano, com musica da novissima canção popular: Chegou, chegou, chegou.)



## O ADIAMENTO NO DIA 3



Mustavo Baralotto

## Na côrte



Mais tranquillo o espirito publico, e como que repousado das coleras partidarias em que parecera encabajar durante os primeiros mezes do anno findo, eii-o prestes a acceder ás sollicitações que todos os dias as magestades lhe estão fazendo, por conduzi-lo á subserviencia d'outr'ora, tão cara ás corrupções e intrigalhus de que vivem, nas ante-camaras do paço, as camarilhas.

SS. M. M., a julgar pelo que os jornaes referem, e eu tenho visto, começam a querer deitar outra vez os bracinhos de fóra, e a explorar os successos por fóra a se fazerem nas attenções da cidade, um logar de honra. Ellas qual mais a cavallo nos sitios concorridos. Indo com ar meditativo aos templos e aos asylos. Fingindo achar graça ás peças originaes e não ter mãos a medir para corresponder ás saudações. De generalíssimos, d'almirantes, á militar e á fustica, com sogra e sem sogra, com meninos e sem meninos, uma lufa-lufa d'escamoteações emfim ao applauso, tão insistente e tão furiosa, que é difficil encontrar-se pelos theatrinhos de povo e caffès de camareras, cabotine que se lhes assemelhe em preseteza de trucs e giria de processos.

Infelizmente nada se cria novo sobre a terra, de sorte que a bem conhecida sollicitude dos reis, pelas venturas do povo, a sua proverbial familiaridade com os problemas e inventos scientificos da epocha, as suas felicitações calorosas aos artistas, as suas commixtações perante as miserias dos hospitaes, as suas palavras de concordia aos provedores dos asylos, na presença da garotada reunida á meza do lunch... tudo isto que os jornaes monarchicos expõem ao povo, em vitrines de louvores, por mais voltas que o localista lhe dê, não passa afinal d'uma mercearia de restos, banal sem arte, phylantropica sem vibratilidade d'alma, e mesquinha e comica como o intuito galado que a fomenta. SS. MM., além de não parecerem ter sido educadas para monarchas, tão pouco dispõem do que eu chamarei a physionomia do officio; por forma que sobre não terem, nas differentes occasiões em que se mostram, piso scenico, inda por cima compromettiem o seu papel, mostrando nas caras uma atrapalhão e um enfado, que são depois cá fóra o pratinho jocoso da galeria.

Vae o senhor D. Carlos, uma comparação, de caruagem. Queiram reparar-lhe na attitude espapado nas almofadas, com a barriga ao sol, e a rapada do queixo extravazando-lhe sobre a farda. S. M. antes parece um paralytico beicudo, do que um rei.

De todos os districtos do senhor seu corpo, o unico que n'aquelle trajecto meche, é o braço direito, que vae, n'uma epilepsia de cumprimentos, da perna ao kepi, e do kepi á perna, como se todo o mundo estivesse parado na rua, a fazer-lhe rapapés. Ora é precisamente este braço quem realmente tem pouca a fazer, quando S. M. passeia, a ponto de, fóra dos dias d'assignatura, elle poder substituir-se com vantagem, por um gancho. Na verdade, ao attentar na vertigem com que S. M. se desbarreta na rua, ficando todos de chapéu na cabeça, quasi se desconfia de que

o sr. D. Carlos, por uma divergencia qualquer nos centros opticos, veja quintuplo as saudações que lhe dirijem. A não ser que o excelso príncipe, por um rigor de respeito á hierarchia do seu posto, haja deliberado ir-se cortejando constantemente a si proprio, caso este em que eu proporia então, por evitar fadigas a V. M., se lhe adaptasse ao chapéu um machinismo adquado, que lh'o tirasse e pozesse, de dois em dois minutos.

A ultima recepção do paço d'Ajuda, que o sr. D. Carlos, executou de pé, entre as duas rainhas, deu completamente aos ingenhos a medida dos recursos e formulas consagradas, n'este genero de solemidades realengas. Tinha-se dado ordem para que a cerimonia fosse excepcionalmente luzida, e abrangesse o maior numero possivel d'elementos novos, recrutados no exercito e na marinha, e entre o pessoal politico das ultimas remontas, e o pessoal burocratico das ultimas nomeações e transferencias.

A' hora stricta, estando já, as magestades em lausperenne sobre o throno, e as camarilhas d'auicos e intimos postadas no seu logar, reconheceu-se que a bicha a fazer desfilar por diante dos reis, não podia dizer c'os reclames feitos á recepção, d'onde uma ordem do mestre de ceremonias da côrte, cá baixo, ao chefe dos archeiros, a que vestisse de ministros d'estado, de generaes, moços fidalgos, etc., todos quantos badauds fossem apanhados no largo, sem destino. Executada a ordem, reconheceu-se ainda falta de figurantes, e foi a vez de se fazer sahir das cozinhas todo o pessoal de marmitos. Mas já se tinham acabado no guarda-roupa do paço, os trajos ricos, do corte que houve mister fazer entrar a comparsaria, d'avental e barrete branco, na sala do throno, pondo-a no cortejo, entre os bombeiros d'Ajuda e a associação dos moços de forcado, que como se sabe, todos gozam de foros de grandes do reino.

«O golpe de vista da sala, n'esse momento historico, era, escreve o sr. Ramalho Ortigão para o Brazil, admiravel, divino!» Por expressa vontade da rainha viuva, o throno não tinha velas. As duas rainhas estendiam as mãos ao beijo chuchurubado que as differentes boccas da bicha lhes iam dando, e que as parecia delectar supinamente. Notou-se que S. M. o rei se não deixava beijar nos seus reaes appendices, e em toda a cerimonia os mantivesse publicamente atraz das costas. Posso informar os leitores de que esta attitude foi mais excesso de democracia, do que falta de limpeza. Porquanto, já lá vae o tempo em que D. João VI purificava as mãos, raspando-as com um canivetinbo de cálos, molhado em cuspo.

IRKAN.



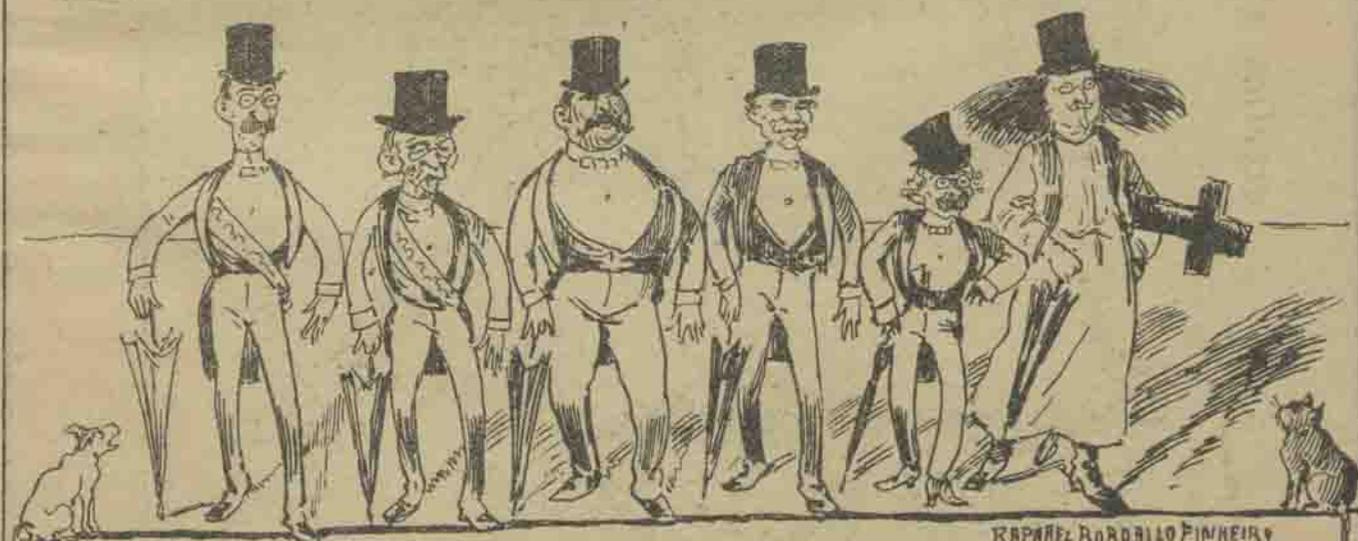
### O meu systema

O douto Brown Sequard certa o meio nos diz  
De eternizar em nós a fugaz juventude.  
O meu remedio antes quero, sem deslize:  
O bom sabão do Congo que dá viço e saude.  
O dr. C. a Victor Valssler, Paris.

# CONSEQUENCIAS DO CONGRESSO REPUBLICANO



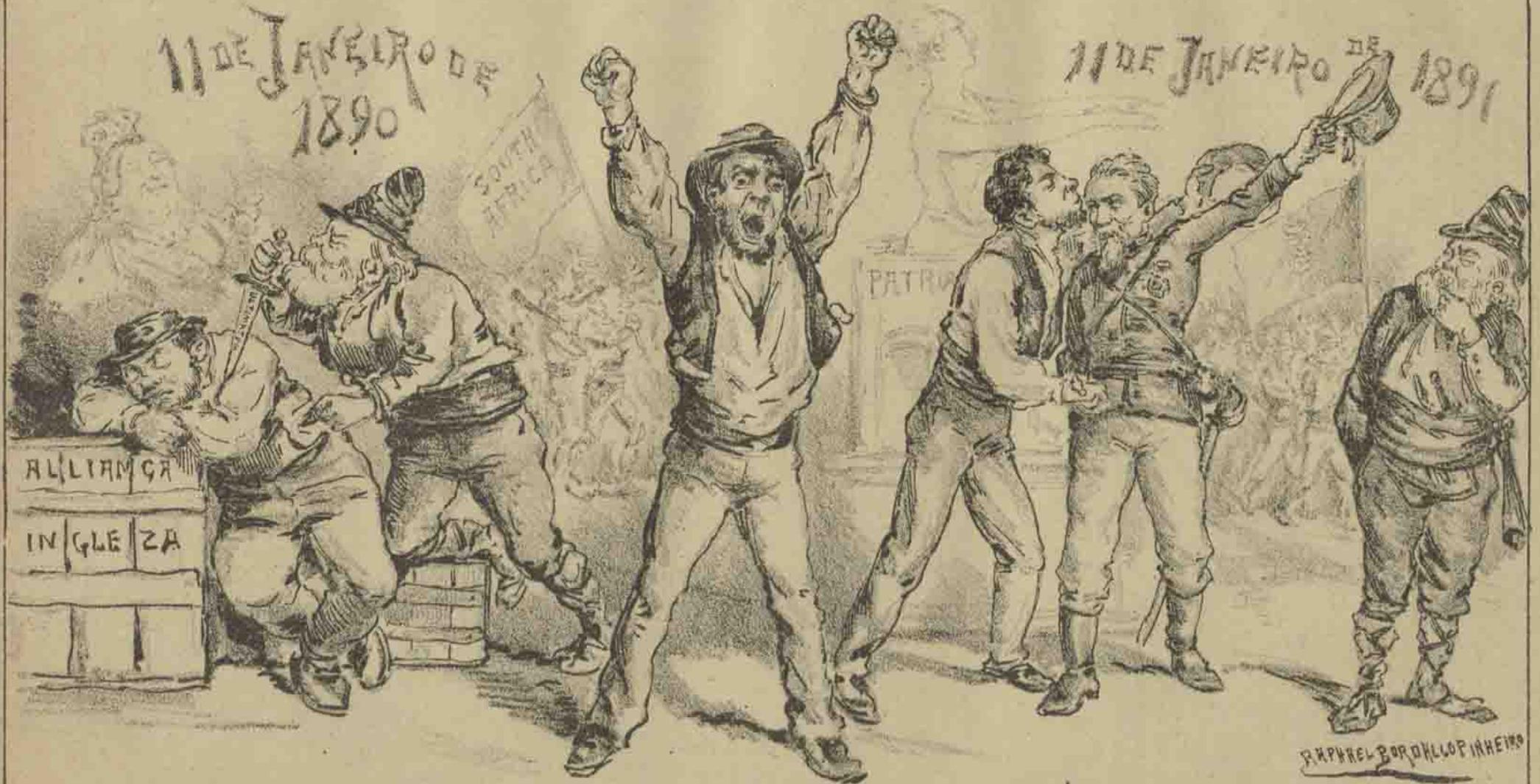
Progressistas e regeneradores cumprimentam Vossas Excellencias por terem seguido o seu exemplo. Divisão de individuos: Conservadores e radicacs. Bravo!



KARAMEZ BORDALLO FINHEIRO

Até que afinal nos parecemos todos. Tudo na mesma linha...

# ○ ULTIMATUM



Renascendo

Acordando

A surpresa

RAPHAEL BORDILLOPINHEIRO